

Espirituosa Labirinto

Boatos entretanto dizem “nossa criadora é uma parte de uma parte”; vezes, “ela parte de um desconhecido”. Algumas de nós, personagens, tontas e vazias, outras, cheias e turbulentas, gargalham soletrando “nós a parte de uma parte”. Há quem indague, babando douradas gosmas, tomando suco colorido, brindando a própria celebração, sem sequer saber falar.

Uma das letradas, sou eu, neste mundo inventado. Em meu desejo todas passariam por mim, inda que cessando centelhas de desespero, ou cruzadas nos caminhos entreabertos, a comemorar, os fechados, ou o início da ilusão. Elas cruzariam as velas de cada começo, seu fim.

Espirituosa Labirinto, criatura, assim me formei por esse nome e por ele sou chamada. Já entre joaninhas, pequenas, e bobas, e as místicas, tantos insetos, as alienígenas, as felicidades, as derradeiras, as solidões, e... é, eu observei a que ascende e aquela que cai. Posso achar e perder todas as personagens.

Em meus becos, por eco, digo — de mim um vão se formaria maior que minha estrutura, caso eu concedesse a proeza fácil de me atravessarem. Armando passagem por onde escapariam minhas irmãs, e inimigas. E escapariam as aladas e eu gritaria de espanto e alegria, e me tremeria em toda a minha estrutura e ruiria em cabelos e frutos de vida. Eu ruiria em chifres, arranjos e cascas de serpente. Testemunhando que da queda de mim, nasceriam pré-históricas flores e legumes. Com a queda desta minha muralha brindaríamos por toda parte, acima da minha volição.

Imagine todas as personagens da criadora escapando, e por alma se vendo em liberdade e, por conseguinte, reviveria eu por meio delas.

Todas em uma. Mas morreríamos por inércia, sem promessa de renascimento — e por este modo brotariam as impossibilidades. Parece que nos alimentamos melhor da possibilidade de nossa maravilha, e da fúria, indignação. Se não apenas uma, somos tantas, criadas de sonho e espírito.

Espirituosa Labirinto, enganosamente, do meu centro pareço a última chance de escapar. Se fecha em mim um frio terror soturno. Depois, em crepúsculo e alvorecer, de calor me abro a cada brecha.